

O CONSUMO ABUSIVO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS NA ATUALIDADE: UMA ABORDAGEM FARMACOTERAPÊUTICA

THE ABUSIVE CONSUMPTION OF PSYCHOTROPIC MEDICATIONS IN THE PRESENT: A PHARMACOTHERAPEUTIC APPROACH

Elaine Marta de Souza Leite ¹

Edson Alves da Silva ²

RESUMO

Os psicotrópicos estão entre os medicamentos mais prescritos mundialmente, resultando numa problemática sobre o consumo abusivo dessas substâncias. O presente trabalho trás como objetivo principal investigar o uso abusivo e inadequado dos psicotrópicos, com o intuito de ampliar a percepção sobre o assunto e promover a reflexão sobre esta problemática, pois, mesmo quando há uma prescrição médica, os pacientes não tem um controle correto das dosagens, horários corretos, modo de realizar o desmame e esse uso abusivo pode acarretar vários prejuízos para a saúde do paciente, o uso irracional deles interfere diretamente no tratamento e controle dos transtornos mentais, influenciando na saúde do paciente. Para isso foi realizado uma revisão de literatura integrativa, de acordo com evidências científicas. Esta análise trás resultados e informações relevantes sobre a função essencial do farmacêutico, uma vez que é o último profissional a interferir antes que o paciente tome seu medicamento, interpretando a prescrição médica e repassando ao paciente todas as informações necessárias para o uso seguro do medicamento. É possível inferir nesse estudo, que há necessidade de um plano de intervenção com profissionais da saúde, para seguir o acompanhamento do paciente e assim promover o uso racional e seguro dos psicotrópicos, garantindo o efeito e segurança terapêutica, melhorando a qualidade de vida da população.

Palavras-chave: Medicamentos psicotrópicos; Uso excessivo; Uso racional.

ABSTRACT

Psychotropics are among the most prescribed drugs worldwide, resulting in a problem about the abusive consumption of these substances. The present work has as main objective to investigate the abusive and inappropriate use of psychotropic drugs, in order to broaden the perception on the subject and promote reflection on this problem, because, even when there is a medical prescription, patients do not have a correct control. of dosages, correct times, way of weaning and this abusive use can cause several damages to the patient's health, the irrational use of them directly interferes in the treatment and control of mental disorders, influencing the patient's health. For this, an integrative literature review was carried out, according to scientific evidence. This analysis brings results and relevant information about the essential role of the pharmacist, since he is the last professional to interfere before the patient takes his medication, interpreting the medical prescription and passing on to the patient all the information necessary for the safe use of the medication. It is possible to infer in this study that there is a need for an intervention plan with health professionals, to follow the patient's follow-up and thus promote the rational and safe use of psychotropic drugs, guaranteeing the therapeutic effect and safety, improving the population's quality of life.

Keywords: Psychotropic medications; Excessive use; Rational use.

¹ Discente do curso de farmácia; Centro Universitário Facol - Unifacol (elainem.leite@unifacol.edu.br)

² Mestre em produção e controle de medicamentos; Centro Universitário Facol - Unifacol (edson.silva@unifacol.edu.br)

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o uso de medicamentos psicotrópicos pela sociedade cresceu de forma inesperada. Dessa forma, percebe-se a utilização abusiva de medicamentos psicotrópicos com várias funcionalidades, como perda de peso, elevação do desempenho físico e cognitivo, distúrbios do sono, entre outros. Porém, o uso abusivo dessas substâncias pode acarretar episódios de grandes riscos à saúde dos usuários, pois são medicamentos que possuem um mecanismo de ação complexo envolvendo as atividades de neurotransmissores centrais com consequências sistêmicas (MOURA *et al.*, 2016).

Medicamentos psicotrópicos são aqueles que afetam o humor e o comportamento, causando alteração na comunicação entre os neurônios, provocando a produção de vários efeitos, como euforia, ansiedade, sonolência, alucinações, delírios etc. (CAMELO; DINELLY e OLIVEIRA, 2016). No Brasil a legislação que aprova o regulamento técnico dessas substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial é a Portaria nº. 344/98 – SVS/MS, tendo o objetivo de padronizar as prescrições de medicamentos, principalmente o uso controlado deles, por exemplo: Entorpecentes (receituário de cor amarela), psicotrópicos (receituário de cor azul) e retinóides e imunossupressores (receituário de cor branca), (BRASIL, 1998).

O consumo de medicamentos psicotrópicos no Brasil é excessivo: estudos apontam que a prevalência do uso dessas drogas varia de 7,3% a 38,7%, sendo que um a cada dez adultos recebe prescrição pelo clínico geral. Esse dado propõe que muitos usuários podem utilizar psicotrópicos sem necessidade, pois partes deles não são avaliados pelo psiquiatra (ALVES *et al.*, 2020). Diante desse contexto de consumo abusivo dos medicamentos psicotrópicos, torna-se fundamental esclarecer o que é droga. De acordo com a descrição da Organização Mundial da Saúde (OMS), droga é qualquer substância não gerada pelo organismo que tem a característica de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, provocando mudanças em seu funcionamento, sendo capazes de influenciar o comportamento, o humor e a cognição de seus usuários.

Há várias classes de medicações psicotrópicas, com diferentes ações terapêuticas, efeitos colaterais e formas de consumo. Hoje, o SUS padroniza e fornece duas classes principais de antidepressivos conhecidos: os tricíclicos (amitriptilina, nortriptilina, clomipramina, etc) e os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (fluoxetina, citalopram, sertralina, etc.), além de benzodiazepínicos (Clonazepam, Diazepam, Alprazolam, etc.), antipsicóticos (haloperidol, clorpromazina, levomepromazina, Risperidona) e estabilizadores do humor/anticonvulsivantes

(carbonato de lítio, Ácido Valproico, Carbamazepina) são bastante utilizados (PEROBELLI *et al.*, 2018). Deve-se considerar o diagnóstico e os sintomas alvo ao escolher qual psicotrópico usar em um paciente. É fundamental a realização de um diagnóstico exato, reconhecer e avaliar os indicativos, no qual deve ser relevante o suficiente para intervir no funcionamento e desempenho do paciente (PADILHA; TOLEDO e ROSADA, 2014).

No entanto, o consumo de psicotrópicos nas doenças mentais, é uma escolha indispensável realizada pelos especialistas, porém a retirada repentina dessas substâncias em um indivíduo que é dependente pode acarretar diversos sinais e sintomas, estabelecendo a síndrome de abstinência, sendo os mais frequentes a fraqueza, irritação tremores, insônia, entre outros (ARRUDA; MORAIS e PARTATA, 2012).

Diante desse estudo, reuniu-se evidências científicas para elaboração de uma revisão de literatura integrativa, com o intuito de ampliar a percepção sobre o assunto e promover a reflexão sobre o problema, identificando as consequências do uso abusivo de medicamentos psicotrópicos e a importância do desmame e uso racional. Contudo, os resultados obtidos nesta pesquisa irão conduzir os leitores no desenvolvimento de novas pesquisas sobre o tema abordado e na elaboração e execução de planos de ação e intervenção.

2 METODOLOGIA

O estudo foi realizado na modalidade revisão de literatura integrativa através de pesquisa e leitura de artigos científicos, publicações do Manual do Ministério da Saúde e dados do Conselho Federal de Farmácia. A discussão deste tema é de caráter informativo, através de uma busca, sem haver interferência do pesquisador. A revisão guiou-se em torno da seguinte questão: quais fatores contribuem para o uso abusivo de psicotrópicos?

Cabe destacar que os critérios de inclusão empregados neste estudo, compreenderão os períodos entre 2012 até 2022, na qual se referem à seleção de artigos relacionados aos Descritores em ciências da saúde, nas suas combinações em língua portuguesa, espanhola e inglesa: Medicamentos psicotrópicos; Uso excessivo; Uso racional, e os critérios de exclusão foram publicações duplicadas nas bases de dados, literaturas incompletas e artigos que não apresentam descritores relacionados e que não foram publicados nas bases de dados citadas. Foram avaliados neste estudo 54 artigos, porém para a revisão apenas 33 foram utilizados, disponíveis nas bases de dados, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Biblioteca Nacional de Medicina (Pubmed).

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Origens dos psicotrópicos

Desde a antiguidade que o ser humano recorreu a diversas substâncias, ou seja, princípios ativos extraídos de plantas que lhe proporcionasse sensações de contentamento, conforto e satisfação, na maioria das vezes numa intensidade superabundante aos indivíduos. É possível encontrar registros que mencionam o uso do álcool e do ópio desde as primícias da história existente, podendo mencionar o evento bíblico da embriaguez de Noé (QUEMEL *et al.*, 2021).

O consumo desordenado de medicamentos e a automedicação são condutas seguidas pela raça humana desde os antepassados, atingindo seu ápice com o advento da Segunda Guerra Mundial, ocasionando assim, um problema relevante no cenário da saúde pública global, visto que, seus efeitos desenvolvem variados graus de danos à saúde. As primeiras exposições sobre o que atentou sobre o consumo abusivo desses medicamentos, foram registradas no Chile, no decorrer dos anos 80, quando estudos e pesquisas evidenciaram o uso elevado dessas substâncias sem a devida prescrição médica. (SILVA; FERNANDES e TERRA JÚNIOR, 2018).

O estudo da ação de drogas sobre o comportamento de indivíduos normais e psicopatas, deu-se início na década de 40, quando foram apresentados os primeiros fármacos com a aplicação específica de atuar tratando os transtornos mentais. No ano de 1940, apresentou-se o relato inicial sobre o tratamento da mania e transtorno bipolar, utilizando o Carbonato de Lítio, seguido pela descrição dos efeitos antipsicóticos da clorpromazina (1952). Podendo ainda citar o meprobamato (1954) e o clordiazepóxido (1957), como os primeiros ansiolíticos, acompanhados de uma extensa sucessão de benzodiazepínicos (SOUZA e GOMES, 2020).

Na década de 1950, houve a inserção dos medicamentos psicotrópicos na psiquiatria, onde o consumo desses fármacos vem demonstrando uma fração expressiva da totalidade dos medicamentos prescritos, logo os psicotrópicos como as outras medicações desenvolvem efeitos adversos, podendo levar a dependência e se usados por muito tempo pode ocasionar problemas de saúde (ALVES *et al.*, 2020). O carbonato de lítio foi o primeiro medicamento psicotrópico desenvolvido na década de 40, seguido da clorpromazina e da imipramina. Entre os anos de 1960-1990 foram desenvolvidos os antipsicóticos atípicos, tendo como característica o antagonismo em receptores serotoninérgicos do tipo 5HT_{2A}, agindo em D₂. O lítio iniciou a era da psicofarmacologia como estabilizador do humor, aplicado na prevenção como também

no tratamento de eventos de mania ou hipomania, transtornos de bipolaridade e outros transtornos do humor, além de intensificar a ação dos antidepressivos (SOUZA e GOMES, 2020).

A história farmacológica da Clorpromazina inicia como anti-histamínico, logo após passou a ser aplicada como anestésico e em seguida passa a ser aplicada no tratamento de pacientes psicóticos. A aplicabilidade deste medicamento foi conceituada nos estudos de Delay e Deniker para tranquilizar os pacientes nas salas de psicopatologia. Para que a Clorpromazina conseguisse ter seu uso aprovado pelo mundo acadêmico e pelos psiquiatras de diversos países, houve a necessidade de dispor de dados quantitativos, conseguindo dessa forma revelar o efeito do tratamento por meio de evidências científicas. A Clorpromazina começou a ser vendida com o nome de Thorazine, inicialmente, como um fármaco antiemético, porém a elevação das vendas sucedeu como antipsicótico (CAPONI, 2021).

Conforme a Constituição Federal (1988), todo cidadão tem o direito ao tratamento da psicopatologia, porém este direito nem sempre é garantido e assegurado. É indispensável ressaltar que no Brasil, até a década de 80, o tratamento terapêutico para as doenças mentais, sucedia apenas em hospitais, porém com a efetivação do projeto da Reforma Psiquiátrica, ocorreu diversas modificações no padrão desse plano padrão, formando um vigente modelo de terapêutica. Foram desenvolvidos os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e os locais de acolhimento a saúde mental não hospitalar foram reconhecidos, com enfoque dirigido a restauração da independência do indivíduo e sua inclusão de volta na sociedade (VILELA *et al.*, 2021).

3.2 Classificação dos Medicamentos Psicotrópicos

Os medicamentos psicotrópicos são compostos que podem ser de origem natural ou sintética, que ao entrar em interação com o organismo, através das vias de administração medicamentosas, são processadas pelo corpo e agem no Sistema Nervoso Central (SNC), ocasionando várias alterações fisiológicas e modificações de comportamento, ânimo, disposição, percepção e aprendizado, são substâncias que dispõem de elevada prevalência de uso, pois são acessíveis de autoadministração, esses compostos psicotrópicos podem ocasionar dependência física e psicológica, visto que, são associadas ao que sentimos e pensamos (MARIANO e CHASIN, 2022). Os medicamentos psicotrópicos são fármacos que modificam o Sistema Nervoso Central, tendo como consequência o risco de desenvolver a dependência física e psíquica, podendo evoluir para a síndrome da abstinência. Esses medicamentos,

precisam ser recomendados por médicos, garantindo um tratamento adequado e racional. (CUNHA JÚNIOR e ROCHA, 2021).

De acordo com o *European Study of the Epidemiology of Mental Disorders* (ESEMED), os psicotrópicos foram divididos em quatro classes farmacológicas: antidepressivos, ansiolíticos, antipsicóticos e os medicamentos estabilizadores de humor. Os antidepressivos possuem quatro classificações: Inibidores da monoaminoxidase (IMAO) que atuam de forma seletiva e reversível ou de forma não seletiva e irreversível, inibindo a atividade da enzima monoaminoxidase, os antidepressivos Tricíclicos (ADT) que são inibidores não seletivos da recaptção de noradrenalina e serotonina por terminações nervosas pré-sinápticas mediante de disputa pelo sítio de ligação da proteína transportadora, já os inibidores seletivos da recaptção da serotonina (ISRS) são fármacos que bloqueiam de forma seletiva a recaptção de serotonina e por fim, têm-se os antidepressivos atípicos que são fármacos que não apresentam um mecanismo de ação em comum, uns são bloqueadores fracos da recaptção de monoaminas, enquanto outros agem por mecanismos desconhecido (APPEL e GOMES, 2020).

Os fármacos ansiolíticos estão entre os psicotrópicos mais prescritos e consumidos, conforme pesquisas, o Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC), informou que no ano de 2018 foi vendido aproximadamente 1,4 bilhões de comprimidos. Essa classe de medicamentos é utilizada para tratar transtornos do pânico, ansiedade generalizada, insônia, epilepsia entre outros (DINIZ *et al.*, 2022). As classes que apresentam maior ênfase são os barbitúricos e benzodiazepínicos. Esses medicamentos causam bons efeitos farmacológicos, como a diminuição da ansiedade, sedação e indução do sono, redução do tônus muscular e coordenação, e ações anticonvulsivantes (ARAÚJO e LINHARES, 2021). Composto também os ansiolíticos, temos as azapironas que são uma classe de fármacos psicotrópicos, ligados aos distúrbios dos mecanismos da serotonina, e os compostos-z, que agem como hipnóticos de curta duração e também podem ser utilizados no tratamento dos distúrbios do sono (DINIZ *et al.*, 2022).

Os antipsicóticos dividem-se em duas classes terapêuticas, que se diferenciam por potência terapêutica e afinidade em conexão aos receptores, tais afinidades estão diretamente relacionadas com a eficácia clínica, resposta terapêutica e desenvolvimento de efeitos adversos. Os antipsicóticos são classificados como: antipsicóticos convencionais clássicos, nomeados como “típicos” e antipsicóticos “atípicos” (OLIVEIRA *et al.*, 2021). Os antipsicóticos típicos, conhecidos como antipsicóticos de primeira geração (APG), já os antipsicóticos atípicos, são conhecidos também como antipsicóticos de segunda geração (ASG) (LIMA *et al.*, 2020).

Os estabilizadores de humor, foram estabelecidos para utilização em casos de transtorno bipolar. Estabilizadores de humor são fármacos de elevada importância, sendo utilizados mediante a análise e diagnóstico do transtorno bipolar. Esses fármacos influenciam o processo de ciclagem entre uma ocorrência e outra do transtorno, diminuindo o número de depressões, hipomanias e a magnitude delas. (MACHADO, SOARES e COSTA, 2019).

Na tabela 1, podem ser observados, os medicamentos psicotrópicos, conforme classe terapêutica, princípio ativo e local de ação.

Tabela 1: Classificação dos Medicamentos Psicotrópicos

Classes Farmacológicas	Princípio Ativo	Local de Ação
Antidepressivos	pargilina, fenzina, selegilina e clorgilina	Inibidores da Monoaminoxidase
	venlafaxina, sertralina, escitalopram e fluoxetina	Inibidores Seletivos da Recaptação da Serotonina
	nortriptilina, imipramina, amitriptilina e clomipramina	Inibidores não seletivos da recaptação de noradrenalina e serotonina
	trazodona, bupropiona, mianserina e maprotilina	Átipicos: Bloqueadores fracos da recaptação de monoaminas enquanto outros agem por mecanismos desconhecidos.
Ansiolíticos (benzodiazepínicos)	alprazolam, clonazepam, bromazepam, lorazepam e outros.	Agem no sistema de neurotransmissão gabaérgico, facilitando a ação do GABA.
Ansiolíticos (barbitúricos)	fenobarbital, tiopental	Agem nos receptores gabaérgicos

Ansiolíticos (azapironas)	bupirona	Atua como agonista parcial nos receptores 5-HT _{1A} . Age também na inibição da despolarização dos neurônios serotoninérgicos e diminuição da síntese e liberação de serotonina (5-HT).
Ansiolíticos (compostos z)	zolpidem, zaleplona e zopiclona	atuam acentuando a corrente de Cl ⁻ pelo receptor GABAA, com maior seletividade aos que possuem a subunidade $\alpha 1$.
Antipsicóticos “típicos”	clorpromazina, haloperidol, levomepromazina, entre outros.	Atuam bloqueando os receptores dopaminérgicos D2.
Antipsicóticos “atípicos”	clozapina, aripiprazol, quetiapina, risperidona, lurasidona e outros.	Atuam bloqueando os receptores dopaminérgicos D2 e os receptores serotoninérgicos 5HT2A
Estabilizadores de humor/ Anticonvulsivantes	Quetiapina, Lítio, Lamotrigina, ácido valproico, entre outros.	Atuam na estabilização das membranas neuronais/diminuem a excitabilidade da membrana.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

3.3 Aplicação Farmacoterapêutica dos Psicotrópicos

O ritmo e condições de vida na atualidade faz com que a população tenha um esgotamento diário, devido à vivência de episódios difíceis, estressantes e cansativos. Excesso de trabalho, cenários de acidentes e violências, surgimento ou agravamento de doenças, quedas nas atividades acadêmicas ou no trabalho, conflitos familiares e sociais, trânsito intenso, são danos que levam os indivíduos a buscar soluções para escapar da tristeza e ansiedade, decorrentes desses fatores e acontecimentos. São essas soluções que se pontuam como principal

referência ao uso de medicamentos psicotrópicos, pois os efeitos dessas drogas resultarão em um maior rendimento nas atividades cotidianas (VILELA *et al.*, 2021).

De acordo com Tovani, Santi e Trindade, (2021) nesse cenário atual, o uso dos medicamentos psicotrópicos carrega consigo a função de melhorar o desempenho do indivíduo de modo geral, atuando como forma de elevação do prazer e válvula de escape do sofrimento psíquico. Estes medicamentos atuam como “amenizadores de angústia e perturbação”, permitindo que as pessoas se distanciem das opressões da rotina diária.

Sabe-se que os novos requisitos e obrigações da sociedade possui uma atribuição relevante nessa elevação de consumo desses fármacos, na qual acredita-se que o mal-estar e o sofrimento de toda natureza, deve ser suprimido de qualquer forma. É comprovado que o uso das substâncias psicotrópicas nas patologias mentais, torna-se uma opção fundamental, mas apesar da necessidade e segurança, esses medicamentos podem ocasionar dependência física, química e psicológica, fazendo-se necessário o controle especial dessas drogas (CASTANHOLA e PAPA, 2021).

Mediante as frustrações do dia a dia, a opção de utilizar medicamentos vem tornando-se uma das formas mais eficazes e ágeis para minimizar a carga psicológica dos indivíduos. Estudos apontam que diversos pacientes relatam confiança e segurança no medicamento, como se o fosse uma fórmula mágica para resolução dos obstáculos e descontentamentos da rotina diária e isso tem estimulado o consumo excessivo de drogas psicotrópicas pela sociedade, causando um alerta nas autoridades de saúde (DAHER, 2017).

Sendo assim, a pessoa que inicia o uso de medicamentos psicotrópicos por ser incentivado pelo local de trabalho, com situações de trabalho desagradáveis, prejudicando o estado psicológico do indivíduo, ou pode suceder de problemas pessoais ou familiares. Cada ser humano dispõe de suas particularidades que não devem ser examinados de modo unilateral, é uma rede múltipla de fatores que podem desencadear e/ou proteger, podendo evitar ou incentivar ainda mais o consumo de psicotrópicos (RIBEIRO *et al.*, 2020).

O consumo de antidepressivos atua no tratamento da depressão, sendo baseado na teoria monoaminérgica, na qual limitações de serotonina, noradrenalina e/ou dopamina estariam ligadas a formação da doença. Portanto, as classes de antidepressivos agem na ampliação desses neurotransmissores, são utilizados também para tratar transtornos de ansiedade, fobia social e transtorno obsessivo compulsivo (COSCI e CHOUINARD, 2020). Em todo o caso, têm-se os fármacos ansiolíticos que exerce a função de controlar a ansiedade de indivíduos com variações de saúde ligadas ao Sistema Nervoso Central, modificando seu quadro emocional e comportamental, são drogas que dispõem de componentes químicos operantes no controle e

equilíbrio da ansiedade com a finalidade de atuar nas emoções, humor e comportamento (FÁVERO, SATO e SANTIAGO, 2018).

Os antipsicóticos, são antagonistas dos receptores de dopamina, atua sobretudo no bloqueio dos receptores do subtipo D2. São subdivididos em antipsicóticos típicos e antipsicóticos atípicos, onde os atípicos têm uma afinidade inferior pelos receptores D2, consequentemente possui menor ocorrência de efeitos extrapiramidais, como distonia e parkinsonismo, do que os antipsicóticos típicos (WEBER, RECUERO e ALMEIDA, 2020).

Os estabilizadores de humor definem-se a partir de sua eficácia em episódios mistos de mania, depressão aguda bipolar, reduzindo a ocorrência e a gravidade de reincidências maníacas e depressivas. O primeiro fármaco estabilizador de humor foi o lítio, que é um elemento presente no meio ambiente. Após ele, vários medicamentos foram criados, como o valproato e em resultado de uma nova geração de medicamentos psicotrópicos, a olanzapina, que assumiu o quadro passando a constituir o grupo no tratamento do transtorno bipolar (FERRAGUT, 2021).

Por isso, é importante o estudo aprofundado para analisar uma rede complexa de fatores com o intuito de prestar uma assistência favorável e satisfatória aos indivíduos que consomem medicamentos psicotrópicos de forma irracional (TEODORO, RIBEIRO e GONÇALVES, 2020).

3.4 Uso abusivo na atualidade

Os transtornos mentais são problemas que tem modificado o comportamento humano, levando a população a usar mais psicotrópicos, muitas vezes de forma abusiva e indiscriminada, porém o consumo dessas substâncias vem aumentando de modo acelerado mundialmente. Esse aumento alarmante, que se deu nas últimas décadas, pode ser explicado pela alta prevalência dos diagnósticos de transtornos mentais na população, novas tecnologias farmacêuticas e indicações terapêuticas. O uso abusivo e desordenado é uma condição que expõe extrema preocupação, uma vez que o consumo por um longo período dessas drogas, podem ocasionar efeitos colaterais indesejáveis (SOUZA e GOMES, 2020).

Conforme a Organização Mundial de Saúde, em seu ‘Plano de Ação para a Saúde Mental 2013-2020’, uma em cada dez pessoas no mundo tem algum tipo de transtorno mental, supõe-se que os problemas mentais e neurológicos alcancem em média 700 milhões de pessoas e representem 13% da totalidade de doenças global. Para Ramos *et al.* (2020) a classe de medicamentos de extrema relevância são os benzodiazepínicos, que se encontram entre os

fármacos mais prescritos e consumidos, visto que, dentre as cinco substâncias de elevado consumo no Brasil nos anos de 2007 a 2010, três são benzodiazepínicos. Compõem a lista três princípios ativos, que são: alprazolam, bromazepam e fluoxetina, prescritos e recomendados para ansiedade.

As questões associadas à saúde mental e distúrbios psicológicos têm sido evidenciados na sociedade moderna devido a forma que se apresenta, afetando de modo generalizado o desempenho social dos indivíduos, resultando em problemas ligados ao uso abusivo de medicamentos psicotrópicos, podendo ocasionar diversas consequências relacionadas a saúde da população, que pode ser sucedido mais como uma ocorrência social do que mesmo clínica (NOGUEIRA *et al.*, 2017). Segundo a Organização Mundial de Saúde, avaliou que aproximadamente 90 milhões de pessoas foram identificadas com desvairamento, em razão do consumo ou dependência de medicamentos psicotrópicos no decorrer de 2013-2020.

É importante ressaltar também a acontecimento pandêmico que se deu início no ano de 2019, onde a síndrome respiratória causada pelo novo Coronavírus provocou diversas alterações na vida da população mundial, havendo a necessidade de readequar a rotina e o consumo de substâncias psicotrópicas foi utilizado como forma de diminuir impactos causados pela pandemia, acarretando o aumento do uso dessas substâncias. Estudos realizados em diversos países, inclusive no Brasil, é possível identificar que o consumo e prescrição de medicamentos psicotrópicos vêm crescendo gradativamente nas últimas décadas (REGO NETO e OLIVEIRA, 2021).

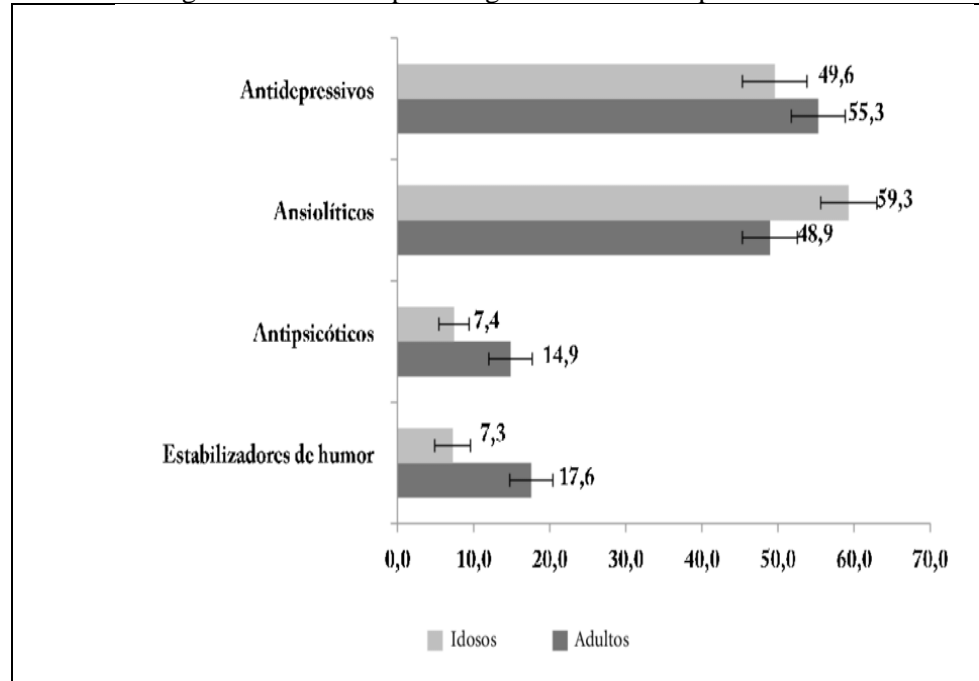
É de extrema preocupação o consumo desordenado dessas substâncias na sociedade atual. Por isso, há necessidade de se aprofundar ainda mais no estudo desse tema, para assim, estabelecer critérios eficientes para moderar e diminuir essa problemática. É necessário, realizar uma campanha consistente de conscientização, esclarecendo sobre os efeitos que desses fármacos, utilizando em conjunto de um esquema estratégico multidisciplinar de intervenção, precaução e diálogo sobre o assunto, posto que a escassez de informações corretas sobre os efeitos e consequências, pode aumentar a quantidade de indivíduos fazendo uso de psicotrópicos de forma desordenada (MARIANO e CHASIN, 2022).

3.5 Classes com Prevalência no uso abusivo

Mediante a Pesquisa Nacional sobre o Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos no Brasil (PNAUM). A figura 1, apresenta um gráfico entre os indivíduos que mencionaram o uso de psicotrópicos. Nessa análise apresentada, é possível observar que

segundo as classes terapêuticas, 55,3% dos adultos e 49,6% dos idosos mencionaram o uso de antidepressivos. Os ansiolíticos também apresentaram elevada proporção de uso, principalmente nos idosos (59,3%).

Figura 1 - Psicotrópicos segundo classes terapêuticas



Fonte: European Study of the Epidemiology of Mental Disorders, (2014)

A prevalência de problemas mentais apresenta-se em torno de 12% da população mundial. No Brasil, as doenças mentais podem compor até um terço da procura na atenção básica, alcançando o nível de 50% quando se consideram os estados subsindrômicos, como os portadores de Transtornos Mentais Comuns (TMC), esse grupo inclui manifestações depressivas e ansiosas, como: insônia, cansaço, nervosismo, esquecimento, baixa concentração e outras queixas, comumente não integram as especificações padrões para diagnósticos de depressão e/ou ansiedade. Ainda que prevalentes, esses transtornos são pouco constatados ou tratados e tendem a ser minimizados pelos profissionais. A falta de diagnóstico, ou um diagnóstico tardio, pode acarretar que os indivíduos busquem os serviços de saúde a procura de soluções para seus sintomas, sobrecarregando o sistema. Por outra perspectiva, o excesso de diagnósticos, podem estar relacionados ao número crescente das prescrições e uso de medicamentos psicotrópicos, especialmente os antidepressivos e os benzodiazepínicos (ALVES *et al.*, 2020).

O Brasil é o país com a maior prevalência de transtornos de ansiedade nas Américas: o problema afeta cerca de 9,3% das pessoas, o que equivale a 18,6 milhões de indivíduos. A

prevalência da depressão mundial é em torno de 4,4% e a de ansiedade 3,6%, sendo esses transtornos resultado da interação de diferentes fatores sociais, psicológicos e biológicos. Conforme estudos as mulheres retratam maior predominância no consumo de psicotrópicos, evidenciando o uso da classe dos ansiolíticos, antidepressivos e antipsicóticos (VILELA *et al.*, 2021).

Contudo, uma pesquisa realizada a pedido do Conselho Federal de Farmácia (CFF), destaca que no período de janeiro a julho de 2020, comparado com o mesmo período do ano de 2019, houve um crescimento de quase 14% nas vendas de psicotrópicos, especialmente antidepressivos e estabilizadores de humor. Para uma informação mais precisa, o número de unidades vendidas pulou de 56,3 milhões, em 2019, para 64,1 milhões, em 2020. No caso dos anticonvulsivantes, que atuam contra a epilepsia, o aumento foi de quase 13%.

3.6 Principais consequências do uso abusivo

A automedicação, o uso desordenado e o desmame incorreto de medicamentos são condutas que acompanham a humanidade desde a antiguidade, ocasionando dessa forma um agravo mediante o contexto da saúde pública mundial, uma vez que, seus efeitos retratam vários prejuízos à saúde. As causas da elevação no consumo de psicotrópicos é oriunda dos diagnósticos atuais sobre as doenças psiquiátricas, que antes eram desconhecidas, como também pelas novas tecnologias farmacêuticas, além da necessidade que a rotina diária trás para alguns usuários. Nessa classe de fármacos incluem-se os antidepressivos e ansiolíticos, medicamentos utilizados no tratamento da depressão e ansiedade, sendo patologias mais preeminentes atualmente (SILVA; FERNANDES e TERRA JÚNIOR, 2018).

Contudo, realizar uso por longo período de psicotrópicos pode ocasionar dependência nos usuários, fazendo com que o paciente intensifique o desejo de comprar e consumir novamente, acarretando a dependência, ocasionando o acometimento de sua vida social, pessoal e profissional. Podendo causar também dosagens demasiadas do medicamento, levando a ocorrência de lesões ou intoxicações. A prática da automedicação tem sido alvo de preocupação para a área da saúde, devido aos elevados riscos para o bem-estar do paciente e a ligação de fácil acessibilidade em adquirir drogas psicotrópicas. Conforme a Organização Mundial da Saúde, mais de 1/2 dos medicamentos são prescritos, vendidos e exonerados de maneira errada, especialmente sobre os psicotrópicos (CUNHA JÚNIOR e ROCHA, 2021).

Os efeitos prejudiciais do uso abusivo e desmame incorreto de medicamentos psicotrópicos podem dividir-se em: Efeitos biológicos do princípio ativo na saúde, podendo ser

intensos e severos ou leves, efeitos permanentes e duradouros na saúde, como por exemplo, acometer a coordenação motora, concentração e julgamento, a depender das especificidades em que essas qualidades são exigidas e por fim, efeitos nocivos que integram as complicações sociais adversas do consumo das substâncias: dificuldades sociais intensas, imprecisões no trabalho, no papel familiar, etc. (MARIANO e CHASIN, 2022).

3.7 Papel do farmacêutico frente ao uso abusivo de psicotrópicos

Sabe-se que os psicotrópicos são importantes para o tratamento de diversas patologias, porém, o tratamento precisa de um cuidado mais amplo, não sendo apenas medicamentoso. As orientações farmacêuticas em conjunto com ações de restrição e uso racional de medicamentos contribuem para o conhecimento do modo correto e seguro do uso de psicotrópicos, sendo relevante o planejamento terapêutico, observando os efeitos adversos, eficácia desejada, adesão ao tratamento e a necessidade real de utilização do fármaco. Muitas vezes as situações da vida pessoal e profissional faz com que haja o desencadeamento de sensações que podem ser confundidas com transtornos mentais, porém muitas dessas patologias podem ser superadas e muitas vezes não precisam de um tratamento medicamentoso (SILVA, FERNANDES e TERRA JÚNIOR, 2018).

A assistência farmacêutica (AF) é conceituada como o agrupamento de ações e serviços que se propõem garantir a assistência terapêutica integral, a promoção, a proteção e a recuperação da saúde nas organizações públicas e privadas que prestam atividades farmacêuticas, tendo o medicamento como elemento primordial, visando seu acesso e uso racional. Constituída, mediante o cenário da assistência farmacêutica, a atenção farmacêutica (ATF), é conceituada como uma referência de prática farmacêutica, onde ocorre o contato direto do profissional farmacêutico com os pacientes, objetivando a completa e eficaz aceitação e adesão ao tratamento medicamentoso, uma farmacoterapia racional é a aquisição de resultados e efeitos definidos e mensuráveis, voltados para a melhoria da qualidade de vida (CSHUNDERLICK e ZAMBERLAM, 2021).

O profissional farmacêutico tem atribuição indispensável no tratamento das doenças em geral, tendo como função ouro a orientação para o uso racional e acesso dos pacientes ao tratamento correto. Visto que, a guarda de substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial, são de responsabilidade do farmacêutico, em conformidade com a portaria Nº 344, DE 12 DE MAIO DE 1998. É de suma importância frisar que os pacientes não precisam apenas do medicamento, mas é fundamental receber orientações e informações claras e

compreensivas, sobre a forma de usar, reações adversas, efeitos colaterais, como também o tratamento adequado para que o paciente se sinta seguro a continuar com tratamento prescrito (PEREIRA e ALVIM, 2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que a população de modo geral, vem consumindo psicotrópicos como forma de sanar condições e situações do ser humano como se fosse realmente um problema de saúde. Isso não quer dizer que não exista um transtorno psicológico para ser tratado, porém é importante frisar que nem sempre uma perda de sono ou picos de ansiedade na rotina diária será um transtorno, e mesmo que seja diagnosticado como um transtorno, não será necessário consumir medicamentos psicotrópicos de forma demasiada, não só em quantidade, como também na questão da posologia, duração do tratamento e desmame quando necessário, porém muitas vezes a forma que o paciente usa a medicação é totalmente divergente do recomendado pelo especialista e literatura específica.

É de extrema importância à atuação do farmacêutico mediante esta temática, pois este é um profissional habilitado para identificar e prevenir erros relacionados aos medicamentos. Sendo importante a realização e aplicação de um plano de ação e intervenção, com procedimentos voltados aos pacientes que usam esses fármacos, dentre eles o acompanhamento clínico do paciente, onde o farmacêutico poderá promover um atendimento individualizado, ensinando e explicando o porquê de realizar o tratamento, prestando as orientações devidas, informando o melhor horário para serem administradas, as reações adversas e as possíveis interações medicamentosas, tendo como prioridades o respeito pela vida e a valorização da saúde.

Diante do exposto nesta pesquisa pode-se dizer que é necessário o empenho para o uso racional destes fármacos. As informações deste estudo poderão contribuir para o desenvolvimento de novas buscas científicas e elaboração de um plano de ações para um consumo racional e um desmame correto desses medicamentos, atuando como alerta sobre o problema, frisando a real importância da Atenção farmacêutica, onde o profissional farmacêutico seja capacitado e habilitado para exercer as atividades clínicas, que cooperam para promoção do uso racional de medicamentos favorecendo assim, aceitação à terapia farmacológica, aprimorando e recuperando o bem-estar e condição de vida dos seus pacientes, contribuindo para redução do uso abusivo de medicamentos psicotrópicos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elaine de Oliveira *et al.* Prevalência do uso de psicotrópicos na atenção primária à saúde em um município do interior de Minas Gerais. **Revista méd. Minas Gerais**, p. S61-S68, 2020.

APPEL, Emerson da Cruz; GOMES, Luciene de Moura Alves. **Prevenção ao uso indiscriminado de psicotrópicos em pacientes maiores de 60 anos na comunidade de São Miguel Júlio Borges**. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2020.

ARAÚJO, Hatahandra Mirelly; LINHARES, Linda Karianelly Lucas. **O uso de fitoterápicos como aliado a substituição do consumo excessivo de medicamentos ansiolíticos: uma revisão narrativa de literatura**. 2021.

ARRUDA, Evilanna Lima; MORAIS, H. L. M. N.; PARTATA, A. Avaliação das informações contidas em receitas e Notificações de receitas atendidas na farmácia do CAPS II Araguaína-TO. **Revista Científica do ITPAC**, v. 5, n. 2, p. 301-313, 2012.

BRASIL. Portaria n.º 344, de 12 de maio de 1998. BRASÍLIA, **MINISTÉRIO DA SAÚDE**, 29p, 1998.

CAMELO, Antônio Edson Magalhaes; DINELLY, Caroline Matias Nascimento; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Silva. Psicotrópicos: perfil de prescrições de benzodiazepínicos, antidepressivos e anorexígenos a partir de uma revisão sistemática. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 13, n. 3, p. 111-122, 2016.

CAPONI, Sandra. Sobre la llamada revolución psicofarmacológica: el descubrimiento de la clorpromazina y la gestión de la locura. **Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, p. 661-683, 2021.

CASTANHOLA, Maria Eduarda; PAPA, Luciene Patrici. Uso abusivo de medicamentos psicotrópicos e suas consequências. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 1, p. 16-16, 2021.

CFE. **CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA**. Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia, 2020.

COSCI, Fiammetta; CHOUINARD, Guy. Acute and persistent withdrawal syndromes following discontinuation of psychotropic medications. **Magazine Psychotherapy and psychosomatics**, v. 89, n. 5, p. 283-306, 2020.

CSHUNDERLICK, Carla; ZAMBERLAM, Cláudia Raquel. A Atuação do Farmacêutico na Prevenção às Intoxicações Exógenas por Medicamentos Psicotrópicos/The Performance of the Pharmacist in the Prevention of Exogenous Intoxications by Psychotropic Drugs. **Revista Saúde em Foco**, v. 8, n. 1, p. 76-100, 2021.

CUNHA JÚNIOR, Luís Alberto Rodrigues; ROCHA, Sonale do Nascimento. **O consumo excessivo dos medicamentos psicotrópicos pelos usuários da unidade básica de saúde**

formosa no município de Baixa Grande do Ribeiro–PI. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2021.

DAHER, Hugo Orçai; GADELHA, Tulio Atta; RODRIGUES, Nathan Lucas Franquelim; ISTOE, Carolina Crespo; MANGIAVACCHI, Bianca Magnelli. ANFETAMINAS E SEUS EFEITOS COLATERAIS. Edição Especial – **Revista Científica Interdisciplinar Múltiplos Acessos**, 2017.

DINIZ, Vânia Maria de Carvalho *et al.* Perfil do consumo de ansiolíticos por pacientes atendidos em farmácia básica. **Magazine Research, Society and Development**, v. 11, n. 1, p. e35511124615-e35511124615, 2022.

FÁVERO, Viviane Rosset; SATO, Marcelo Del Olmo; SANTIAGO, Ronise Martins. Uso de ansiolíticos: abuso ou necessidade? **Revista Visão acadêmica**, v. 18, n. 4, 2018.

FERRAGUT, Ana María Sabater. **Funcionamiento neuropsicológico en el trastorno bipolar: estabilizadores del humor y benzodiacepinas.** 2021. Tese de Doutorado. Universitat de València.

LIMA, Ana Carolina Marinho Monteiro *et al.* **A influência do uso de antipsicóticos para o tratamento de pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo: uma revisão sistemática.** SEMOC-Semana de Mobilização Científica-Envelhecimento em tempos de pandemias, 2020.

MACHADO, Dainon; SOARES, Maria Rita Zoéga; COSTA, Roberta Seles da. Avaliação de uma intervenção em grupo baseada na terapia de aceitação e compromisso para indivíduos diagnosticados com transtorno bipolar. **Revista Contextos Clínicos**, v. 12, n. 1, p. 26-47, 2019.

MARIANO, Thaís Oliveira; CHASIN, Alice AM. DROGAS PSICOTRÓPICAS E SEUS EFEITOS SOBRE O SISTEMA NERVOSO CENTRAL. **Revista acadêmica Oswaldo Cruz**, v. 22, 2022.

MOURA, Dean Carlos Nascimento de *et al.* Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da estratégia saúde da família: revisão integrativa da literatura. **Revista de Políticas Públicas - SANARE**, v. 15, n. 2, 2016.

NOGUEIRA, Maria José; SEQUEIRA, Carlos. A saúde mental em estudantes do ensino superior: relação com o gênero, nível socioeconômico e os comportamentos de saúde. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. spe5, p. 51-56, 2017.

OLIVEIRA, Rita de Kássia Alves de *et al.* Presença de síndrome metabólica em pacientes expostos à antipsicóticos: uma revisão sistemática. **Revista Educação, Ciência e Saúde**, v. 8, n. 1, 2021.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Plano de Ação para a Saúde Mental 2013-2020.** Genebra: OMS, 2020.

PADILHA, Paula Dayane Moreira; DE TOLEDO, CLEYTON Eduardo Mendes de; ROSADA, Claudia Tiemi Miyamoto. Análise da dispensação de medicamentos psicotrópicos

pela rede pública municipal de saúde de Campo Mourão/PR. **Revista UNINGÁ Review**, v. 20, n. 2, 2014.

PEREIRA, Nênia Martins; ALVIM, Haline Gerica De Oliveira. Atuação do farmacêutico frente aos medicamentos, interações medicamentosas e tratamentos no transtorno do pânico—revisão integrativa. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 4, n. 9, p. 147-160, 2021.

PEROBELLI, A. O. *et al.* Diretrizes clínicas em saúde mental. **Vitória (ES): Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo**, 2018.

QUEMEL, Gleicy Kelly China *et al.* Revisão integrativa da literatura sobre o aumento no consumo de psicotrópicos em transtornos mentais como a depressão. **Brazilian Applied Science Review**, v. 5, n. 3, p. 1384-1403, 2021.

RAMOS, Thales Brandi *et al.* Informação sobre benzodiazepínicos: o que a internet nos oferece?. **Revista Ciência & saúde coletiva**, v. 25, p. 4351-4360, 2020.

REGO NETO, Raimundo Gomes do; OLIVEIRA, Isabel Cristina de Paula. **Ações educativas para o controle do uso indiscriminado de psicotrópicos em Unidade Básica de Saúde. Universidade Federal do Piauí (UFPI)**, 2021.

RIBEIRO, Ítalo Arão Pereira *et al.* CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS POR TRABALHADORES DE ENFERMAGEM: REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 29, 2020.

SILVA, Eduardo Gomes; FERNANDES, Dione Rodrigues; TERRA JÚNIOR, André Tomaz. **Uma abordagem ao uso indiscriminado de medicamentos benzodiazepínicos**. 2018.

SOUZA, Alan Ramissés Amancio de; GOMES, Luciene de Moura Alves. **Uso indiscriminado de medicamentos psicotrópicos na cidade de Júlio Borges—proposta de intervenção**, 2020.

TEODORO, Elizabeth Fátima; RIBEIRO, Alexandre Simões; GONÇALVES, Gesianni Amaral. Alterações de humor na trama psicopatológica do DSM-V. *Analytica*: **Revista de Psicanálise**, v. 9, n. 16, p. 1-20, 2020.

TOVANI, João Borges Esteves; SANTI, Luísa Jobim; TRINDADE, Eliana Villar. Uso de psicotrópicos por acadêmicos da área da saúde: uma análise comparativa e qualitativa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, 2021.

VILELA, Livia Santos *et al.* Uso de medicamentos psicotrópicos: um estudo comparativo sobre o consumo dessas drogas. **Revista de Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 32, n. 04, 2021.

WEBER, Magda Blessmann; RECUERO, Júlia Kanaan; ALMEIDA, Camila Saraiva. Use of psychiatric drugs in Dermatology. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 95, p. 133-143, 2020.